

OPINIÃO

A qualidade do couro bovino

Há alguns anos, o desempenho da indústria coureira brasileira vem contribuindo de forma positiva para o saldo da balança comercial. Em outras palavras, nosso País anda exportando mais couro do que importando. Para se ter uma ideia, em 2011, exportamos US\$ 2,045 bilhões e, em 2012, um valor aproximado, US\$ 2,079. Mas em 2013 exportamos US\$ 2,200 bilhões e, se falarmos em quantidade, foram 32 milhões de toneladas de couro vendidas para países como China/Hong Kong, EUA e Itália. Sim, nosso País exporta muito couro. Mas podia ser melhor.

Digo isso, pois, embora os valores das exportações sejam expressivos, nosso couro ainda apresenta baixa qualidade. Se alguns cuidados "porteira adentro" fossem tomados, o couro brasileiro conseguiria melhor classificação na indústria, depois de processado, porque apresentaria menos defeitos, o que acarretaria em melhores valores pagos.

Mas então por que esses cuidados não são tomados? Porque até hoje não existe uma forma diferenciada de pagar o produtor que cuida da pele dos seus animais. Ele continua recebendo, pela pele, de 7% a 8% do valor da arroba do boi, independentemente da qualidade desta. Já nas negociações feitas entre frigoríficos e curtumes, uma pele (também chamada de couro verde) é vendida por peso (kg). As últimas cotações oscilaram entre R\$ 2,30 e R\$ 2,50/kg. Se considerarmos que a pele correspon-

de a aproximadamente 10% do peso do animal, um boi abatido com 450 kg vai fornecer uma pele com algo em torno de 45 kg, ou seja, custará entre R\$ 103,50 e R\$ 112,50.

Se o produtor recebesse pela qualidade das peles de seus animais, certamente os marcaria com ferro candente somente nos locais permitidos (cara ou na região logo acima das articulações da coxa e/ou da paleta) e com marcas de, no máximo, 11 cm de diâmetro. Ele também evitaria a utilização de cercas de arame farpado, controlaria infestações de ectoparasitas (bernes, carrapatos, moscas-dos-chifres), retiraria pontas de pregos e parafusos proeminentes dos mangueiros e jamais utilizaria ferrões ou pedaços de pau pontiagudos no manejo de seus animais.

O assunto é tão sério que a Embrapa Gado de Corte liderou um estudo para saber como andava a qualidade do couro no Brasil e pensar em que poderia atuar na melhoria de tão valorizado coproduto da cadeia da carne. Esse estudo percorreu sete estados brasileiros (Rio Grande do Sul, São Paulo, Minas Gerais, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Bahia e Pará), que representassem as cinco regiões do País na produção de peles e couros, e avaliou 1000 couros em cada um deles. E os resultados obtidos foram preocupantes.

Dos 7000 couros avaliados, praticamente todos apresentavam marca a ferro candente em locais não permitidos, às vezes com quatro ou cinco marcas em um mesmo ani-



DIVULGAÇÃO/ALEXANDRA OLIVEIRA



Na foto de cima, animal com marcas fora do padrão. A de baixo, couro com perfurações feitas por carrapatos

mal. A incidência de marcas de carrapatos também foi visualizada em quase todos os couros. Outro defeito bastante encontrado foi o de marcas de riscos cicatrizados, ocasionados por cercas de arame farpado, manejo com ferrões e pastos "sujos" ou com arbustos espinhosos.

Diante desse cenário, o que nós da Embrapa podemos fazer é trabalhar a conscientização do produtor para que

adote práticas relativamente simples, já citadas, que resultam em melhoria tanto na qualidade das peles dos animais quanto na saúde e no desempenho geral do rebanho. Algumas ações contidas no Programa de Boas Práticas Agropecuárias (<http://cloud.cnpqg.embrapa.br/bpa/>) são de grande ajuda nesse sentido. No entanto, nós sabemos que a remuneração pela qualidade das peles é fundamental para

que tais mudanças realmente ocorram. E, na delicada relação produtor-frigorífico, nós ainda não conseguimos inter-



ALEXANDRA ROCHA DE OLIVEIRA é doutora em Zootecnia e Pesquisadora da Embrapa Gado de Corte

ESTUDO

oficial mostrou que de 7 mil couros avaliados praticamente todos apresentavam marcas a ferro candente em locais não permitidos